

CEDI - P. I. B.
DATA 12 06 86
COD. KY D14

MEIRELES fala sobre os KAIAPÓ seus primeiros e últimos contatos com elementos civilizados.

Primitivamente, viviam todos os Kaiapó, juntos às margens do Riosinho, afluente do rio Fresco; tinham as aldeias próximas à cachoeira da Fumaça. Viviam ali os Gorotire, como se chamam de uma maneira só os índios Kaiapó. Depois de desavença que tiveram, separaram-se, tomando as diversas denominações pelos quais são conhecidos hoje: - Gorotire, Kubenkrakein, Menkronontire, Kararaôs, Kokrainôro e Mentutires. Os índios Krikrin, também Kaiapó, já estavam separados quando os grupos viviam ainda na cachoeira da Fumaça; tinham as aldeias na região de campos, de Conceição do Araguaia.

Os Xikrin ou Diore, tiveram contato com Couto de Magalhães em 1868 e, foram posteriormente aldeados, em 1896, por Frei Gil de Villanova; fundador da cidade de Conceição do Araguaia.

Os Gorotire, depois de suas desavenças, se dividiram, e em 1937 o grupo Kaiapó, que continuaria se chamando Gorotire, saiu espontaneamente para procurar contato com os moradores da margem do rio Frêscó, onde no local denominado Pineta, entraram em contato com o finado castanheiro por nome Inocêncio, saíram a conselho do civilizado por nome Vicente, que foi raptado pelos Kaiapó, ainda pequeno, do seringal Bom Futuro, no rio Kuruá. Acompanhavam ainda este grupo de índios, duas mulheres civilizadas também raptadas ainda crianças. Chamavam-se Juliana a mais velha e Magdalena a mais moça; acompanhavam-na um irmão ainda menor. Ambas já se achavam casadas com índios, sendo que Juliana era casada com o Cacique do grupo e a outra com um índio já velho, porém pessoa de muita influência na tribo. Foram estes índios aldeados então pela primeira vez pelo S.P.I., no lugar denominado por Sobreiro no rio Frêscó, afluente da margem direita do rio Xingu, pelo então Inspektor Pedro Silva, no ano de 1938. O Inspektor Cícero Cavalcanti que em 1947 a tomar conta dos índios Gorotire, levou-os para o atual Pôsto dos Gorotire, situados no local que anteriormente era conhecido por Novo Horizonte.

K U B E N K R A N K E I N - (Nilo Pegonha)

Este grupo de Kaiapó, continuou morando no rio Vermelho, sem querer contatos com os moradores do rio Frêscó e tão pouco com os índios do Pôsto Gorotire, voltou a procurar novamente contato com a civilização, através de encontros esporádicos com índios Gorotire e acabaram sendo definitivamente para serem aldeados em 1951 pelo Inspektor Cícero Cavalcanti, no Pôsto Nilo Pegonha, no Riosinho, afluente da margem esquerda do rio Frêscó.

Capitaneavam este grupo os índios Nigrori e Oquête, já falecidos.

K O K R A I M O R O S - (Kubenkrakein) da Serra Encontrada)

Este grupo de Kaiapó, dissidente do grupo anterior Kubenkrankrein, que entrou em contato pacífico com o pessoal do Pôsto Gorotire, e ficou sediado no Pôsto Nilo Peçanha. saiu da margem do Riosinho, próximo da Cachoeira da Fumaça e foi se aldeiar nas cabeceiras do igarapé denominado Serra Encontrada no rio Xingu, o qual se constitui o mais rancoroso inimigo dos seringueiros e moradores do rio Xingu e seus afluentes. Levaram a morte e o terror às regiões do médio Xingu, baixo Irirí, Rio Novo, Igarapé Preto e outros. Sua pacificação foi levada a efeito em abril de 1957, pelo Inspetor Francisco Meireles, que teve como auxiliares Raimundo Pinto de Araujo, Eurico Alves, Júlio Reinaldo de Moraes, acompanhado dos índios Kaiapó, Bepunu, Baraô, Boti, Mobjó, Engri, Poropót, Tekrarantí, Maberô, Cadeonombo, Baraô e sua mulher Coconú.

O grupo Krokraimoro, estava dividido em duas partes, por ocasião de sua pacificação. Tendo a expedição chefiada por Francisco Meireles entrando em contacto com o outro grupo chefiado pelo Cacique Iakrurí, no local por nome Empresa, situado sobre o rio Novo, seringal de Coriolano Alves, que acabava de ser vítima de um ataque do referido grupo, resultando disso mortos e feridos.

Determinei ao auxiliar Raimundo Pinto de Araujo que, acompanhado de 12 homens da expedição, entre os quais figuravam Izuro e Vicente, antigos prisioneiros desses índios, dos índios Gorotire, Bepunú, Baraô, e sua mulher Coconú e Cadeonombo e também do grupo de Kokraimoro recém pacificado em número de 137, fossem todos ao encontro do outro grupo chefiado pelo Bebnoí.

Nessa missão, Raimundo Pinto de Araujo logrou êxito ao estabelecer contato pacífico com o grupo em apreço, do que resultou a aliança dos dois grupos dissidente que se encontram hoje reunidos no Pôsto denominado Kokraimoro, na barra do igarapé Serra Encontrada, no rio Xingu. A denominação de Kokraimoro resultou do nome do Cacique Kokraimoro que chefiava o grande grupo que se separou dos Kubenkrankrein, sediados no Pôsto Nilo Peçanha.

K A R A R A O - Este outrora numeroso grupo de Kaiapó, quase extinto por ocasião dos lamentáveis acontecimentos no Porto de Vitória povoado situado a 48 quilômetros de Altamira, no extremo da rodovia Vitória-Altamira, procurou espontaneamente contato pacífico com esse povoado, quando foram impiedosamente metralhados por elementos perversos daquela localidade. Os que escaparam da façanha, foram aldeados na cabeceira do igarapé do Linão, afluente do rio Curuá.

Enquanto Raimundo Pinto de Araujo se dirigia por terra ao encontro do grupo Kokrainoro, eu e o restante da expedição, nos dirigimos na lancha cavalcante para a localidade Cajueiro do Curuá, onde os Kaiapó acabavam de desfechar um grande ataque, do qual resultou a morte de um seringueiro, e saiu baleado, outro, ficando, em inquietação, todos os moradores que, em consequência não podiam continuar com seus trabalhos nas matas.

Quando a cheguei, acompanhado dos auxiliares Walter Samari Prado, Romildo da Silva Ramos, Eurico Alves, Júlio Reinaldo de Moraes, José Fontinele e demais componentes da turma, onde figuravam os índios Gorotire, Botí, Mobjô, Tekreranti e Engri, imediatamente penetramos no local onde se dizia estarem os índios e campado. Lá chegando, verificamos que os índios já haviam se retirado, deixando como prova, diversas tocas e centenas de estropos de pachiuba espalhados pelos caminhos.

Nessa ocasião, chegou o seringueiro por nome de João Rogério, morador na boca do Igarapé denominado Linão, à 6 horas de viagem distante de Cajueiro, comunicando que os índios haviam feito vários disparos, pondo-o para fugir e apoderando-se de sua casa e roçados.

Diante dessa notícia, nos dispuzemos à noite mesmo no viajar para o Linão. Porém, uma "pana" inexplicada no motor da lancha nos reteve à noite toda no Cajueiro, de onde só podemos sair no outro dia pela manhã.

Este imprevisto, salvou a vida de toda expedição, pois os índios apoderando-se da casa de João Rogério, transformaram-na em uma pequena fortaleza, abrindo seteiras nas paredes por onde atirariam com suas armas de fogo e flechas, além de se colocarem estrategicamente em diversos pontos do barranco do rio, e espalharem de modo camuflado seus famosos estropos de pachiuba em todos os caminhos que davam acesso à terra.

Viajando na lancha Cavalcante, chegamos aí cerca das 15 horas. Ouvindo o barulho do motor, os índios se retiraram antes da nossa chegada. No conhecimento, verificamos pelos preparativos que já ficaram, descritos, que haviam se retirado naquela manhã, pois ainda havia fogo e outros indícios de sua recente permanência. Como já era muito tarde, combinamos ir ao seu encontro no dia seguinte, partimos de madrugada e após cinco (5) horas de viagem, verificamos vestígios recentes deles, demonstrando estarem acampados por perto. Fizemos uma parada para efetuar um ligeiro reconhecimento, quando localizamos as mulheres preparando barracas para o arranchamento, guardadas por poucos guerreiros, visto que, os outros em maior número estavam em caçadas. Resolvemos então cercar o acampamento, orientando os índios Kaiapó que nos acompanhavam

que falassem às mulheres e aos guerreiros, dos nossos propósitos pacíficos e do desejo que tínhamos de estabelecermos amizade com eles e vivermos em paz. Estabelecidos este contato pacífico, verificou-se que uma das índias era tia do índio Botí, componente da nossa expedição. Após a saudação lacrimosa, comum entre os índios quando encontram parente ou pessoas amigas, a referida índia, ofereceu-se ir com o índio Botí, ao encontro do Cacique, enquanto nós aguardaríamos o regresso. Essa índia que também era sogra do Cacique partiu acompanhada do índio Botí e de um dos guerreiros do grupo. Enquanto fazíamos café e comíamos bejú feito pelas índias, já ao anoitecer, chegou o Cacique e o restante dos guerreiros, acompanhados dos índios que foram chamar.

Apresentou-se o Cacique dizendo chamar-se Nrhon tuiandô, que com seu pessoal constituía o grupo Kararaô da nação dos Kaiapó. Após parlamentarmos, ele se ofereceu por nos acompanhar na lancha até o lugar Bonfim, distante 12 horas de Linão acima, de onde nos levaria a uma das aldeias que o índio Mekronotire, tinham nessa região.

M E N K R O N O T I R E S DO (Rio Curuá)

Chegamos à sede do seringal Bonfim no rio Curuá, desembarcamos juntamente com os índios Kararaô que nos acompanhavam, e então começamos os preparativos para o reconhecimento da aldeia dos Mekronotire, que segundo informações dos Kararaô, ficava na cabeceira do igarapé Bon Futuro, ao sopé de uma pequena serrania existente.

No manhã seguinte, fomos fazer o reconhecimento, e verificamos a veracidade das informações que nos tinham dado os índios com os quais tínhamos entrado em contato no igarapé de Linão.

Tratava-se de uma grande aldeia de Kaiapó, o varadouro chefe bem cuidado conduzia à maloca, tinha pontes nos diversos igarapés e outras benfeitorias, tais como, grandes roçados de mandioca, milho, batata, e extensos bananeais que se estendiam ao perder de vista, demonstrava viver aí um grande reduto de índios. Então como os componentes da expedição, juntamente com os cinco índios Gorotire, Botí, Mobjô, Poropot, Engrí e Tekranrontié mais três Kararaô que levamos como guias e mensageiros, somando quatorze no todo, era insuficiente para penetrar na aldeia, pois, dado o que observamos o número de guerreiros da aldeia seria muitas vezes maior que o total da nossa expedição, e dada ainda a nossa inferioridade numérica, e sabedores que éramos por informações dos índios Kararaô, que nos acompanhavam, que os Mekronotire desta aldeia possuíam numerosas armas de fogo, conforme constatamos depois, resolvemos voltar para deliberarmos com calma, a atitude que devíamos

tonar, pois, os índios Mekronotire podiam recusar-se a atender ao nosso pedido de parlamentação, provocando um conflito de consequências imprevisíveis que nos cabia evitar a todo custo.

Voltando a sede do seringal Bom fim, determinei aos auxiliares Walter Samari Prado, Romildo da Silva Ramos que descessem no nosso motor de pôpa até as sedes dos seringais, entre Rios e Praia, de Anfrísio Nunes e fossem contratando elementos voluntários a se engajarem na nossa expedição pacificadora. Oito dias depois, regressaram os auxiliares em aprego na lancha Costa Nunes, acompanhados de 21 homens, que passaram a integrar a expedição. Dois dias depois, em nossos motores de pôpa, descemos as proximidades do igarapé Bom Futuro, e aí desembarcamos toda a expedição, já agora num total de 35 homens, cujos nomes, constam dos relatórios apresentados à Diretoria na época, e que no momento apenas me recordo dos seguintes: André e Pedro Feitosa, David de Pina do S.P.I., Inspetor Francisco Meireles, auxiliares Walter Samari Prado e Romildo da Silva Ramos, interpretes, Eurico Alves (Iosinho), Júlio Reinaldo de Moraes (Camiranga), José Fontacle e trabalhadores Antônio de Oliveira, Tobias Chipica e Francisco Roldão e os índios Gorotire, Botí, Mobjô, Engri e Poropot, juntamente com índios Kararaô, Cacique Nhrentuiarô e seus auxiliares, os índios Catendie e Iroto e os civilizados voluntários que se apresentaram, João Rogério, Manoel Lima (Sinhozinho) Volta Grande, Didí, José Honorato, João Perna, Cajarana e Pedro Borges, Francisco Bente, Anaclote Dias, Joaquim Maia, José Moreira e outros...

Distribuída a carga entre os componentes da expedição, iniciamos a marcha com os índios Gorotire, Kararaô e interpretes na frente. em número de 15 pessoas, guardando uma distância aproximada de um quilômetro do restante da expedição.

Combinou-se essa disposição, a conselho dos índios que pediram para ir à frente escutando e tomando chegada de acatelesamento, para o que apenas conduziam suas armas e brindes para presentear os Mekronontires, para ocasião de primeiro contato.

Após quatro horas de marcha, fizemos uma parada num igarapé onde já estava estacionada a nossa vanguarda. Nessa ocasião, ainda a conselho dos índios resolvemos adotar outra disposição. Toda a expedição continuaria a marcha como vinha fazendo até a margem de um pequeno igarapé (igarapé da aldeia) cerca de 500 metros distantes da mesma aldeia, e que iríamos encontrar a uma hora de viagem do ponto onde nos achávamos. Aí chegando, nos abrigamos na mata, enquanto os Gorotire e Kararaô se aproximavam da aldeia para tentar um contato pacífico, explicando os motivos que os levavam até ali. Conforme ficou estabelecido, assim se realizou: Nos abrigamos na floresta e os índios se dirigiram para o

maloca devidamente instruídos. Cerca de uma hora depois, regressamos ao nosso encontro, acompanhados de jovens Capitães e mais alguns guerreiros, com a proposta de que devíamos deixar nossas armas e entrar na aldeia desarmados. A essa altura, ponderei que não era possível visto que a maioria dos componentes da expedição, estava receiosa de entregar suas armas e assim sugeri que eu com mais alguns iríamos conversar com o velho Capitão, desarmados na NHOB (casa dos guerreiros), proposta que foi aceita pelos mesmos.

Perguntei quem queria me acompanhar espontaneamente, quando apresentaram-se Walter Samari Prado, Romildo da Silva Ramos, Eurico Alves, José Fontenele, Júlio Reinaldo de Moraes (Camiranga), João Rogério, Pedro Feitosa, Tobias Chepaia, Joaquim Maia, David de Pina e Antonio de Oliveira. Determinei que Romildo da Silva Ramos assumisse a chefia do grosso de expedição, enquanto eu me encaminhava com os demais a fim de parlamentar com os Kekronontires

Desarmados, seguimos todos, acompanhados dos Karará Gorotire e dos dois jovens Capitães Mekronotire, Kakôro e Kokareití, com seus guerreiros até a NHOB (Casa dos guerreiros), notando-se que no percurso encontramos diversos piquetes de índios guerreiros distribuídos estrategicamente em vários pontos do caminho.

Ao chegarmos à casa dos guerreiros, fomos recebidos pelo velho Capitão da aldeia, denominado Auguineô, quando expus detalhadamente as razões da nossa visita, inclusive a disposição de que estávamos de dar armas, munições, machados, facões, missangas e outras utilidades. Discursou então o velho Cacique aceitando as nossas propostas, e se dispôs a cooperar conosco na pacificação com outros grupos de Kadopé, assunto este, que foi relatado minuciosamente por ocasião do contacto, em 1957. Em seguida, o velho Cacique pediu-nos que mandássemos buscar o restante da expedição, ocasião em que toda a expedição foi fartamente servida com bananas, batata doce, bejú, carne assada de várias caças, numa demonstração patente de vida farta e feliz que levavam então.

Toda a expedição pernouteou na aldeia, e, na manhã seguinte, após a distribuição dos presentes que levamos, armas munições, ferramentas e etc., determinei que Romildo da Silva Ramos regressasse com o grosso da expedição, ficando na aldeia somente eu, Walter Samari Prado, Eurico Alves, Júlio Reinaldo (Camiranga), Fontenele Feitosa, André, David e os Gorotire e Karará, aí permanecendo quatro dias, a fim de consolidar a pacificação ora realizada. Estas aldeias, estão localizadas hoje no Posto do rio Baú, afluente do rio Juruá.

MEKRONOTIRE DO RIO IIRIRI

Quando regressamos com toda expedição dos Mekronotire do rio Curú, com destino à Altamira, na localidade de Entre Rios, soubemos que os Índios haviam atacado na localidade por nome Ijineira um seringueiro e morto um outro no lugar denominado Trempe. Resolvi, então, deixar a maior parte da expedição na localidade Entre-Rios e segui em nosso motor de pôpa, acompanhado de Walter Prado, Ronildo Ramos, Júlio Reinaldo de Moraes (Camiranga), Raimundo Soares (Raimundão) e o índio Clavinote. Iniciamos a viagem as cinco horas da manhã, dormimos, na sede do seringal Laranjeira de onde saímos às quatro horas da madrugada, viajamos durante todo o dia para chegarmos à Limeira às quatro horas da tarde. Ao chegar fui visitar o ferido que encontrei baleado nas costas, na altura do omoplata direito, gemendo, com febre alta, com as roupas e rêde ensopadas de sangue, sem nenhum medicamento até àquela hora. Imediatamente efetuei a acepcia e curativo do ferimento, aplicado nessa ocasião uma penicilina, providências estas que terminei já na hora do jantar. Enquanto eu jantava, ordenei que improvisassem uma maca na canoa em que viajamos, a fim de podermos conduzir conosco o doente para Altamira. Saímos desse local logo após o jantar, as 7 horas da noite; viajamos a noite toda para chegarmos em Entre-Rios no dia seguinte às oito horas da manhã. Dois dias depois, prossegui a viagem na lancha Curú, conduzindo o doente, com destino a Altamira. Com o exame do material deixado pelos índios no local do ataque, constatamos tratar-se de Kaiapó, ou seja os Mekronotire do Iiriri, tendo resolvido que no ano seguinte, faríamos a expedição destinada a pacificar os referidos índios.

Assim, pois, em junho de 1950, seguimos n'uma expedição assim constituída: Inspetor Francisco Meireles, Auxiliares Walter Samari Prado, Rádio-telegrafista, Francisco Brito, Alexandre Pesce, Zoologista do Museu de História Natural de Montivideo, intérprete Afonso Alves, Eurico Alves (Iosinho), Júlio Reinaldo (Camiranga), José Fontinelle, trabalhadores, Tobias Chipaia (pilôto) Antônio Oliveira, (motorista) trabalhadores, Rubens Fastano, Antônio Corrô, José Forró, Raimundo Braginote, Antônio Cajarana, (este foi o seringueiro ferido que conduzimos de Limeira para Altamira, no ano anterior, que já completamente restabelecido quiz acompanhar a nossa expedição), David de Pina (Joca), José Cain e Maranhão, e os índios Gorótire, Tekrerantí, Botí, Mobjô, Engri, e Poropot e os índios Kararô, Cacique Nhorontuiarô, Iroto e Katendjo e mais os Mekronotire do Curú, Cacique Kakoro, e Notino, e os índios Tekrerô, Materipari, Pidjoran, Nui, Podnuí, Beprepe, Kokeraiti, Anikô, Brira, Pukatire, Ductire, e Upatô (quatro)

Arquivo
1934

A expedição saiu de Altamira nas lanchas, Providencinha, Zé Pinto, e a lanchinha do S.P.I., com destino ao rio Curuá, onde apanharíamos os Mekronotire desse rio e também os Krararãô.

Chegando ao rio Curuá, apanhamos os índios em apreço e nos deslocamos com toda a expedição em dois motores de pãpa, para o rio Irirí, indo pernoitar no lugar denominado Triunfo. Ai soubemos que os índios haviam atacado recentemente a localidade de Laranjeira. Onde está situada a sede do seringal Raimundo de Oliveira, tendo morto um seringueiro e baleado dois outros. A situação era de pânico, fala-se que os moradores e seringueiros desse rio em número avaliado em cerca de 500 pessoas inclusive crianças iam abandonar o rio, com destino à Altamira, apavorados com os sucessivos ataques dos índios a seringueiros, pescadores, roçeiros etc chegando ao ponto de tentarem se apoderar da lancha Providencinha, propriedade de Raimundo de Oliveira. No dia seguinte continuamos a viagem rio acima, encontrando moradores que se deslocavam, pois, ainda ignoravam que a expedição ia subindo o rio com a finalidade de pacificar os índios Reanimados com a nossa presença, a maior parte voltava para os seus trabalhos, enquanto alguns se ofereciam para integrar a expedição. Após 21 dias de viagem, transpondo cachoeiras e outros obstáculos, pois, o rio se achava no último ponto da vazante, chegamos à foz do igarapé Candoca, local onde os índios haviam acampado e deixado encaçadas na praia várias balças que utilizavam para atravessar o rio.

Em vista desses vestígios e de caminhos de penetração certamente que conduziam à maloca, resolvemos paralizar a viagem fluvial para iniciarmos a penetração por terra pelo caminho encontrado. Pelo que nos foi dado observar, verificamos que os índios, haviam mais oito dias que tinham passado por esse local.

Resolvemos, então, ficar acampados n'uma ilha que fica próximo à boca do igarapé Candoca, onde pernoitamos e depois trocamos idéias como deveria ser feito o contato com essa aldeia de Mekronotire que é a maior aldeia de Kaiapó da região, por sugestão dos próprios índios, ficou acertado que eles iriam apenas com os intérpretes, em número de seis, enquanto nós permaneceríamos aí a espera dos resultados de sua missão. Eles assim nos aconselham, tendo em vista os Mekronotire tomaram a nossa chegada como uma expedição punitiva, pois há pouco haviam se empenhado n'um ataque aos civilizados onde houve mortes e ferimentos.

Sairam, então, trinta índios chefiados pelos Caciques, Karoró e Metinó e, os trabalhadores, Afonso Alves, Eurico Alves, Júlio Reinaldo, Joca e José Fontinelo, dizendo que estariam de volta dentro de quatro a seis dias.

Decorridos dez dias, como não regressassem ninguém, determinei ao auxiliar Walter Samari Prado, que baixasse em nosso motor de pôpa às localidades de Laranjeiras, Triunfo e Praia, com a finalidade de arranjar mais uns homens e algumas armas, comprando também alguma farinha, pois, nossas armas estavam com os índios que seguiram na frente e já nos achávamos sem mercadorias. Essa determinação foi em vista da necessidade de irmos em busca de notícias e dos índios e dos intérpretes que tinham se dirigido para a aldeia. Nesse interim, passei um rádio à sede da Inspetoria que se entendesse com o Comando da 1ª Zona Aérea e conseguisse um Catalina, a fim de também nos ajudar nessa emergência. Atendeu a F.A.B. a nossa solicitação. E assim, um Catalina desceu no estirão da Praia Certa onde havíamos feito um balizamento para o pouso, levando em uma baixa tudo quanto nós precisávamos. Continuando aguardando o Walter Prado, quando chegaram dois índios desconhecidos e minutos depois também os intérpretes Afonso Alves, José Fontinelle e o Trabalhador (Maranhão), Sabino Libório da Silva, nos trazendo a boa nova do bom êxito que tiveram junto a aldeia dos Mekronotire do Iriri. Relatando que os índios já haviam se deslocado para outro rio com toda a aldeia, onde estavam agora morando, por isso que, ao invés de quatro ou seis dias como estava previsto, gastaram trinta e oito dias, sendo 14 para ir, 14 para voltar e 10 dias na aldeia se recuperando da penosa viagem e também esperando o regresso do Cacique Airuti que se achava para os lados do rio Sabuji, em caçadas, com o pessoal. Informaram-nos também que no dia seguinte, por volta das 10 horas da manhã, o Cacique Airuti, juntamente com seus guerreiros estariam no ponto onde iria se processar a Parlamentação. No local em aprêço, já se encontravam muitos índios efetuando a limpeza e preparando o terreno, para o nosso encontro. Em companhia dos intérpretes recém-chegados e dos índios, fomos jantar. No dia seguinte, por volta das oito e meia, chegaram os índios mensageiros avisando que o Airuti já se encontrava no local determinado para o encontro, onde falariam sobre os nossos propósitos pacíficos e dos desejos d'êles viverem em paz conosco.

Em vista da notícia, eu e vários Auxiliares encaminhamos desarmados para o local onde éramos aguardados. Lá chegando, encontramos a mata toda roçada e farrada com folhas de açai e os índios todos pintados e adornados com seus enfeites como se fosse em dia de festa, no centro estava o Cacique Airuti com dois jovens Capitães à sua direita, Noiremú e Beicoiti, e à esquerda, os dois Jovens Capitães filhos do Cacique Bogoroti, por nomes, Kutpê e Moragere. Ao chegarmos, cumprimentei-os e em seguida o Cacique Airuti pronunciou o tradicional discurso do chefe da tribo, no qual revelou a disposição de, daquela data em diante viver pacificamente conosco. Respondendo ao seu discurso disse-lhe que estávamos satisfeito com seus propósitos e que para possuírem armas para suas

défesas e caçadas não precisavam mais matar ninguém, e passando da palavra à ação, distribuí entre eles trinta espingardas e um rifle calibre 44 para cada capitão. Daí nos dirigimos para a beira do rio, onde aguardaríamos a chegada de Walter Prado e também a vinda novamente de um Catalina, conduzindo mais mercadorias para presentearmos aos índios, bem como para o nosso regresso à Altamira. Dois dias depois, chegou Walter Prado com a mercadoria que fora buscar, deixando de trazer mais homens e mais armas, em vista de, pelo rádio lhe fazermos ver não ser mais necessários, porquanto o pessoal da primeira turma já havia regressado. No dia seguinte descemos para o estirão. Praia certa onde havia de pousar o avião, parte dos índios viajou conosco no motor e a maior parte viajou para terra, onde aguardariam acampados a chegada do Catalina. Dois dias depois chegou o Catalina, conduzindo brindes mercadorias, espingardas e munições, tiramos as mercadorias que necessitávamos e tudo mais distribuimos aos índios. Eles ficaram muito alegres, satisfeitos, estiveram a bordo do avião, tendo nessa ocasião, o Cacique Airatí, trocado seu nome espontaneamente com jovem Tenente Silva Maia que comandava o Catalina.

Pernoitamos todos aí, inclusive a guarnição do Catalina. No dia seguinte, após decolar o avião, seguimos todos para o nosso acampamento no Candoca; aí chegando, fizemos nova distribuição de alguns brindes que nos restavam, e combinei com o Cacique Airatí que ele com seus guerreiros voltassem para sua aldeia no rio Mungá, onde aí aguardariam notícias nossas por intermédio dos índios Hekronetire, da aldeia do rio Curuá. No dia seguinte, empreendemos a viagem de volta no rio Curuá, onde fomos deixar os índios Hekronetire em suas aldeias no igarapé Bom Futuro, e, daí iniciamos a viagem de regresso à Altamira, onde chegamos após quase cinco meses de viagem a contar do início da expedição.

KIKRIN DO RIO BOCAJÁ

Em setembro de 1961, os índios Kikrin da tribo dos Kaiapó, andaram atirando e matando moradores do rio Kingu, abaixo da cidade de Altamira, nas povoações do garimpo, denominadas, Iba da Fazenda, Vilagem, Rio Itatá e Bocajá. Diante do alvarço causado pelos índios, o Prefeito de Altamira recorreu aos Poderes Públicos e inclusive à Imprensa, pedindo providências a fim de garantir a vida das populações que aí viviam, encorajando, para não atender, a armar 50 homens para proceder uma matança dos índios. Em face desses acontecimentos culminados com a ameaça do Prefeito José Burlanqui resolvi organizar uma expedição para irmos ao encontro desses índios.

Em fins de setembro, organizei uma expedição assim constituída: Inspetor Francisco Meireles, Auxiliar, Gilberto Barbosa, e Castelo Branco, Telegrafista, Paulo da Luz e Lino Faria, Trabalhadores, Motorista, Antonio Oliveira, Pilôto, Tobias Chipaia, Intérpretes, Eurico Alves e Afonso Alves, Missionários, Adventistas, Emílio, Seringalista, Luiz Ne da Silva, Trabalhadores, Pompilho Lopes, José Forro, José da Rocha, Rubem Pastana, Antonio Corró, Rainundo do Carajá, David de Pina, Mizael Rodrigues, Rainundo Breginato, João Régério, e os índios Gorotire, Aibi e Kadjionoro, e os índios Mekronotire, Beprieri, e o índio Kokraimoro Nodjure, e os índios Xikrin, do rio Itaociuna, Bequare, e os Xikrin do Pôsto Las Casas, e os índios Xipaia e Aricafu.

Dias depois, em nossos motores de pôpa, iniciamos a viagem partindo de Altamira para o Garimpo do rio Itatá, donde no começo do mesmo mês, os índios mataram os Garimpeiros, Artur Bogea e seu companheiro.

Aí chegando, no dia seguinte nos internamos na mata pela batida deixada pelos índios e após cerca de quatro dias de viagem subindo e descendo serras altas, encontramos um grande acampamento abandonado e daí em diante passamos a encontrar vestígios mais novos onde verifiquei que os índios iam conduzindo um ferido, pois nas esteiras em que dormiam, havia sempre uma tóda ensanguentada, e, daí por diante, o caminho trilhado pelos índios ia ficando mais aberto pelos paus cortados e quebrados para facilitar a passagem do ferido que era conduzido em uma maca improvisada por eles. Seria fastidioso narrar todos os episódios dessa longa viagem através da floresta que cobre as serras existentes entre os rios, Xingu e Tocantins, viagem que, entre ida e volta, gastamos mais de três meses, passando muitas privações, até fome e sede, e na volta já após as grandes chuvas de dezembro, atravessando pantanais com água pelo peito, inclusive tendo um dos nossos componentes sido picado por Jararaca, embora logo tenha sido salvo com a aplicação do sêro Antiofídico.

Não sendo a aldeia nas cabeceiras do rio Ucajá, como se presunha, e a estrada dos índios se dirigia rumo ao rio este, navegável, resolvi voltar à Ilha da Fazenda, onde tínhamos deixado nossa Estação de Rádio, e os Telegrafistas Paulo Luz e Lino Faria. Quando voltávamos, após três dias de viagem, encontramos uma turma chefiada pelo nosso Auxiliar Castelo Branco, acompanhado do índio Aibi, Intérprete Afonso Alves e outros Trabalhadores, que foram enviados pela Ajudância do S.P.I. em Altamira, nos levando viveres e outros recursos de que estávamos carecidos. Foi um dia de festa para todos nós. Havíamos passado a noite de Natal, sem nada para comer nem mesmo café, pois, há mais de três dias que vínhamos comendo beti moqueado e palmitos assados, sem sal. Juntamente com os viveres,

as famílias de Altamira haviam se lembrado dos expedicionários e nos enviaram bolos, biscoitos e doces, que foram saboriados com café.

Nessa noite, deliberei que no dia seguinte, eu com a turma que regressava, continuaria a viagem para a Ilha da Fazenda, subindo o rio Bacajá com mercadorias, até o ponto onde os índios haviam cruzado o mesmo rio, e, a turma trazida pelo Auxiliar Cagelo Branco, seguisse viagem por terra até o rio Bacajá, aonde deveria nos aguardar, ficando os civilizados sob a chefia do Auxiliar José Rodrigues (José da Rocha) e os índios chefiados pelo índio Goro-tire Aibi. No dia seguinte, cada turma tomou seu destino.

Após quatro dias de viagem, eu com minha turma chegamos à Ilha da Fazenda, e, como nesse local não havia mercadorias na quantidade que precisávamos, mandei comprar em Altamira.

Cinco dias depois, em nosso motor de pôpa seguimos, viagem rumo ao Bacajá, e, verificando as dificuldades com que navegávamos com motor de pôpa naquele rio ainda seco, no morador Agostinho de Tal, arranjei uma montaria na qual eu faria a viagem na frente em companhia de Tobias Chipia e do Seringalista Luiz Né de Silva, devendo o Auxiliar Gilberto Barbosa Gama, prosseguir viagem com resto da expedição no motor de pôpa. Após cinco dias de viagem e na referida montaria chegamos no local aonde a estrada dos índios cruzava o rio. Haviam amarrado um cipó grosso cruzando o rio de uma margem para outra e nele dependurada uma garrafa com uma mensagem que nos comunicava que já haviam tomado contacto pacífico com os índios Xikrin e que devíamos entrar n'um braço à margem direita do rio, e há três horas de viagem, na terra firme estavam acampados com os índios. De fato, seguindo as instruções contidas na mensagem deixada na garrafa, seguimos pelo braço direito do rio e a uma três horas de viagem a remo, começamos a ver fumaça e vestígios de gente mais alguns minutos estávamos nós sendo recebidos pela segunda turma da expedição e os Xikrin do Bacajá já em franca confraternização. Contaram-nos como se deu o contacto amistoso ocasião em que também conversei com o Cacique Nhrontire, e fiz ver a satisfação de todos nos com aquele encontro amigável. Tive ainda que aguardar mais quatro dias a chegada do Auxiliar Gilberto Gama com o restante da turma, dada a grande dificuldade para subir o rio, visto que havia pouco água para navegar, além de pedras e cachoeiras.

Com a chegada do Auxiliar Gilberto Gama, destruímos as mercadorias, espingardas e munições com os índios, tendo determinado ao Auxiliar José Rodrigues, que após a nossa saída para Altamira fôsse para local onde havia sido um antigo Posto de Altamira, na gestão do Inspetor Telesforo Marins Fontes, e aí se reabriasse o

pôsto, o que posteriormente foi feito, estando hoje ali sediado o restante desses índios quase totalmente disimados pela famosa gripe conhecida com 204. O pôsto por solicitação do Prefeito e dos moradores da região e também do Governador General Moura Carvalho, em memorial dirigido ao então Diretor do S.P.I. General José Luiz Guedes, tomou a denominação de Pôsto Francisco Meireles, denominação da contra a minha anuência.

Assim foi realizada a pacificação dos índios Xikrin dos Bacajá.

RETOmada DE CONTATO COM OS MENKRONOTIRE DO RIO IRIRI

Após o contacto pacífico com esse índios em outubro de 1958, e já descrito anteriormente, ficou o S.P.I. sem uma comunicação mais estreita com eles em vista da falta de recursos para manutenção de um pôsto de assistencial para eles, e dado também as dificuldades de acesso ao alto Iriri, pois este rio e seus afluentes ficam, por ocasião das secas, completamente sem condições de navegabilidade, mesmo para canoas pequenas de 400 quilos de capacidade. Através dos Menkronotire do Kuruá, mantínhamos contatos com os índios do Iriri e assim esta situação vinha sendo mantida até que uma desinteligência entre eles, por ocasião de visita periódicas que os Menkronotire do Iriri faziam aos parentes do Kuruá, provocou o afastamento dos índios da aldeia do Iriri. Tudo surgiu de uma questão de mulheres, em que um índio Menkronotire nesta ocasião o cacique dos Kararaô de nome Nrhontuiaro, que estava presente. Este cacique foi assassinado dormindo pelo índio do Iriri, fato que provocou uma revide imediata dos índios da aldeia do Kuruá, que fusilaram o índio agressor. O cacique assassinado era muito querido por todos os grupos de Kaiapó, inclusive pelos Menkronotire do Iriri. Acontece porém que os parentes do índio Menkronotire do Iriri que foi morto em consequência deste acontecimento, não se conformava com a impunidade do principal causador de tudo o índio Atukron dos Menkronotire do Kuruá, o índio conhecido como conquistador de mulheres alheias já com vários outros casos idênticos. Com o afastamento dos índios do Iriri., começaram então a surgir diversos boatos entre os índios do Kuruá inclusive de que os índios do Iriri diziam que iriam voltar gente e atacar todos os moradores e seringueiros da região, inclusive os próprios índios do Kuruá:

Daí por diante o desasossegado e a inquietação voltaram naquela região com o fim de retomar contato com os índios do rio Kuruá. Resolvi então preparar nova expedição com o fim de retomar contacto com os índios do rio Iriri, o que acabamos de realizar, tomando, parte nela, o atual Diretor do S.P.I. Cel. Moseyr

Ribeiro Coelho, produtor cinematográfico Genil Vascellos, uma equipe da T.V. Tupy do Rio de Janeiro, chefiada por seu Chefe Maurício Dantas e os auxiliares Armando Barroso, Sidney do Valle e José Dantas. Acompanhou também a expedição um cinegrafista suíço da rádio de Geneve, Sr. Renaud Lambert, Telegrafista Lino Faria, Motorista Antonio Oliveira e o Pilôto Tobias, e os Trabalhadores: Afonso Alves, Angelo Gomes, Francisco Roldão, João Rogério Cornelio Cabral José Porró, Antonio Corró, David de Pina, Antonio Lisboa, José Cain e o Raimundo Karajá. Levamos também em nossa companhia, com a finalidade de estabelecerem contato, com nossos mensageiros, os índios Menkronotire da aldeia do Baú, chefiados pelos Caciques Kakoró e Podniu (Oliveira) acompanhados dos índios, Tekretê, Kokoronti, Aiê, Mikoto, Ulukonkonti, Pukatira, Upatô (quatro), Keenegou, Bepre e Irio.

A expedição foi transportada por Catalina da EAB, de Belém à sede do seringal por nome "Praia", de Anfrísio Nunes, sendo que saiu também um barco com o auxiliar Hilner Gruck, de 41 tonela, levando combustível e também alguns dos trabalhadores que tomariam parte na expedição.

Reunidos todos os componentes da expedição aos Menkronotire, na sede do seringal "Praia", de Anfrísio Nunes, no rio Iriri, saímos no dia 14 de março com destino às cabeceiras do rio Pitiatá, onde por terra alcançariamos as malocas dos índios, situada na água do rio Sabugi. A viagem foi feita na lanche "Bancovec" até ao posto do S.P.I., no rio Bau, onde teríamos de apanhar os índios que nos serviriam de guia e depois, desde aí continuaríamos viajando em dois barcos de 4 toneladas, movidos a motor de pópa. Chegamos ao rio "Bau", onde encontramos os índios com saúde e com relativa fartura de alimentação de suas roças de arroz, mandioca, milho, batata doces, abóboras e outras culturas diversas, como bananeiras, etc., tratamos logo de organizar a segunda parte da viagem. Assim é que três dias após a nossa chegada, prosseguimos nossa viagem através do rio Pitiatá. A viagem foi demorada em vista das diversas "caídas", ou sejam, árvores que caem das margens dos rios, para dentro dos mesmos, atrelando com seus troncos e galhados a navegação, obrigando os viajantes a perderem horas na desobstrução do rio, a fim de poderem prosseguir a viagem.

Após vários dias de viagem, chegamos ao local onde deveríamos deixar os barcos e por terra irmos às aldeias. Em conversa com o Diretor do Serviço de Índios, Cel. Moacyr Ribeiro Coelho, chegamos a conclusão de que em vista da nossa volubidade e impossibilidade de estabelecer contato com os índios, e então trazer-los ao nosso componente, rumando todos depois ajudados por eles as suas aldeias.

Resolvido que assim seria melhor pois o material e maquinário dos cinegrafistas requeria um cuidado especial, pois com as contínuas chuvas a caminhada na mata se tornava difícil seu transporte, somente com o pessoal que dispunhamos, ficou estabelecido que no dia seguinte chefiada pelo auxiliar de sertão Hilmar Gluck partiria um grupo de trabalhadores com todos os índios da aldeia do Baú, com o fim de ir chamar os índios do Iriri. Assim é que acompanhado o auxiliar Hilmar Gluck, saíram João Rogério, Antonio Gorro, Angelo Gomes, José Gomes, José Caim, Raimundo Karajá e o Intérprete Afonso Alves e mais os índios do Pôsto Baú, Cacique Karoro e Podniu e os guerreiros Brepere, Aiê, Tekrete, Uokonkonti, (Mane-ferro), Pukatira, Amikoto, Upato (quatro), Keenegou, Oi Irio, Kokoconti, Bepnu. Regressou esta turma depois de quatro dias de viagem pela mata, tendo alcançado a maloca dos índios apenas com cento e poucos índios em vista dos outros se encontrarem em uma viagem para as bandas do Xingu.

Em vista disto, resolveu-se não mais irmos às suas malocas. Passamos aí três dias em companhia destes índios que estavam sendo capitaneados pelo jovem Cacique Mormaré, filho, do grande Cacique Bogogori. Esclareceu-nos então toda a atual situação de seu povo que continua nosso amigo. Apenas o guerreiro Ature, mal aconselhado por parentes do grupo do Krunaro, atualmente sediados no Dianuarun, andaram fazendo umas estrepolias. Desta situação toda, onde graves acusações fizeram êsses índios aos outros atualmente sediados naquele pôsto, orientados pelo pessoal do Parque do Xingu, tomou conhecimento o Diretor do Serviço de Índios Coronel Moacyr Ribeiro Coelho, presente na expedição tendo tomadas as medidas que o caso por sua gravidade reclamava. Após distribuição de grande quantidade de brindes aos índios, machados, facões, facas, foices, enchadas, anzóis, linhas para pesca e roupas distribuímos também com êles dezesseis espingardas de caça e também cartuchos. Combinamos então com êste índios que o Hilmar ficaria com êles onde depois de se juntarem aos outros iriam todos para um pôsto que iríamos construir no local que escolheram, às margens do rio Kuruá, no local conhecido por "Gavião Real". Partimos então com destino ao Pôsto do Baú, onde iríamos deixar os índios daquele pôsto que nos acompanharam, na expedição e depois continuarmos a viagem para o seringal "Praia", onde pograria o Catalina da MAB, que, transportaria os componentes da expedição que se destinassem para Belém. Pela estação de rádio nossa nos comunicamos com a Inspetoria de Belém, pedindo que providenciassem o avião para nos transportar. Assim é que no dia 17 de abril estávamos em Belém após uma viagem de mais trinta dias pelos rios Iriri, Kuruá e Pitiatia.